



Festas de Agosto de Montes Claros – MG: a territorialidade dos Catopês

August Festival in Montes Claros - MG: the territoriality of the Catopês

Sabrina da Silva Gonçalves¹

Ricardo Henrique Palhares²

Vivian Mendes Hermano³

RESUMO:

O presente artigo almeja relacionar a territorialidade religiosa das Festas de Agosto, rompendo com a ótica do território e levando a representatividade da festividade do Congado da cidade de Montes Claros-MG. Realizada há mais de 180 anos, a festa possui sua representatividade na história dos catopês, marujadas e caboclinhos, grupos que reúnem no mesmo ritual, música, festa, devoção e fé. O estudo parte do levantamento de materiais audiovisuais, registros iconográficos e referencial bibliográfico sobre a festa e suas manifestações, contribuindo para a construção de uma memória cultural afetiva, sagrada, e de reafirmação da identidade regional da sua população e de seus visitantes. A realização de uma pesquisa qualitativa primária, com um mestre da tradicional festa religiosa, possibilitou um aprofundamento do estudo e um contato direto com o objeto de análise. Os dados coletados no trabalho de campo e entrevista, ainda que parciais, permitiram identificar de forma clara a influência da festa na dinâmica territorial do centro de Montes Claros. A celebração promove uma reconfiguração do espaço urbano, alterando os fluxos de pessoas, dinamizando o comércio local e modificando significativamente o dinamismo territorial do centro da cidade.

Palavras-chave: territorialidade; catolicismo popular; identidade cultural; espaço urbano.

ABSTRACT:

The aim of this article is to relate the religious territoriality of the August Festivities, breaking with the view of the territory and taking the representativeness of the Congado

¹ Graduanda em Geografia Bacharelado, na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). sabrinagoncalves.geo@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0006-3730-8756>

² Doutor em Geografia - PPGTIE/ PUC Minas. Professor Adjunto do Departamento de Geociências e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGE, da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. ricardo.palhares@unimontes.com - <https://orcid.org/0000-0002-9786-3683>

³ Doutora em Geografia – PUC Minas. Professora Efetiva do Departamento de Geociências da UNIMONTES. Faz parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia Rural-NEPGER e do Grupo Internacional de Metodologias Qualitativas e Pesquisa e/ou Ação. hermanovivian@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3642-6762>



festivities in the city of Montes Claros-MG. Held for over 180 years, the festival has its representativeness in the history of the catopês, marujadas and caboclinhos, groups that bring together music, celebration, devotion and faith in the same ritual. The study is based on a survey of audiovisual materials, iconographic records and bibliographical references on the festival and its manifestations, contributing to the construction of a cultural memory that is affective, sacred and reaffirms the regional identity of its population and visitors. Conducting primary qualitative research with a master of the traditional religious festival made it possible to delve deeper into the study and have direct contact with the object of analysis. The data collected in the fieldwork and interviews, although partial, made it possible to clearly identify the influence of the festival on the territorial dynamics of downtown Montes Claros. The celebration promotes a reconfiguration of the urban space, altering the flow of people, boosting local commerce and significantly changing the territorial dynamism of the city downtown.

Keywords: *territoriality; popular catholicism; cultural identity; urban space.*

Introdução

A territorialidade vive um processo de remodelagem, e inúmeras são as motivações e as causas dessas transformações, sendo assim, as manifestações realizadas por vários grupos culturais exerce um poder no determinado espaço urbano. Neste estudo, investigaremos como o festejo, um evento social dinâmico, se adapta e transforma ao ser realizado em diferentes contextos espaciais – o sagrado e profano. Em outras palavras, o festejo apropria-se do espaço público e se territorializa por tempo definido no espaço profano da cidade, tornando-o território religioso. Contudo, a mudança do espaço territorial da Praça da Matriz, principal cenário dos espaços públicos do centro da cidade de Montes Claros-MG, nos leva à compreensão dessas dinâmicas.

Para Souza e Laurentiz (2022), as festas podem ser vistas como verdadeiras intervenções no espaço, capazes de trazer não só ruptura aos ritmos cotidianos habituais, mas também de propor novas atividades, novos usos e novos espaços. Os grupos de congado, espalhados por diversas partes do território brasileiro, realizam festejos em devoção a santos católicos por meio de uma expressão que mescla músicas, danças, coreografias e encenações, em uma prática ritual que se caracteriza pelo sincretismo religioso da cultura africana com os cultos do catolicismo popular. Para Mendes (2004, p. 56):



Essa forma de manifestação religiosa é constituinte do catolicismo popular que engendra um sentimento de coletividade circundada por um arcabouço mitológico repleto de crenças e ritos, mas que não exerce sobre seus homens os mesmos desejos e obrigatoriedade ritual impostos pela estrutura eclesial, impetrada pelo catolicismo oficial.

Para Mendes (2004, p. 57), “[...] esse sentimento de apego e devoção às entidades do mundo sagrado, e essa prestação aos ritos e às crenças configuram a força de ligação do homem do Congado com seu mundo ideal”.

Se a festa é a manifestação do sagrado, e “[...] a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (Eliade, 1992, p. 26), então podemos afirmar que a festa também tem como função a recriação de um espaço ou refundação do mundo.

E o porquê desses territórios religiosos? Porque apresenta características religiosas nesse território, possui a essência do sagrado (simbolismos da festa).

O tema pesquisado é de suma importância no que se refere à modificação do território, devido à sacralidade, que é a produção e reprodução dos espaços utilizados no centro da cidade de Montes Claros-MG, por intermédio dos grupos ou de pessoas religiosas. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as mudanças territoriais que ocorrem durante o contexto das Festas de Agosto na cidade de Montes Claros.

A presente pesquisa propõe o procedimento metodológico de abordagem exploratória de natureza qualitativa. Inicialmente, foi realizada a revisão bibliográfica, que foi permanente durante a pesquisa, propiciando uma discussão sobre aspectos históricos dos grupos de marujadas, catopês, caboclinhos, proporcionando a reflexão sobre as características das manifestações sagradas e profanas. Em seguida, foi realizado um trabalho de campo durante os dias 17, 18, 19 e 20, nas Festas de Agosto, em 2023 e foi feita entrevista com o Mestre Zanza Junior do Primeiro Terno de Nossa Senhora do Rosário, para aprofundar os conhecimentos sobre fatos importantes sobre a história do evento e dos costumes sagrados, registros iconográficos e materiais audiovisuais da referida festa.

A metodologia deste estudo envolveu uma abordagem multifacetada para compreender como a territorialidade associada às Festas de Agosto em Montes Claros modifica o espaço urbano. Inicialmente, foi realizada uma revisão detalhada da



literatura existente, que incluiu a leitura e análise de artigos acadêmicos, livros e documentos históricos sobre o congado e as festividades locais. Essa etapa foi crucial para contextualizar o evento dentro de uma perspectiva mais ampla na pesquisa. Assim, a literatura revisada forneceu uma base sólida para a compreensão das práticas culturais, religiosas e das dinâmicas sociais envolvidas, bem como para um bom desenvolvimento para a análise da territorialidade e do festejo.

Sendo de fundamental importância o aprofundamento da definição e a relevância do espaço urbano e da territorialidade religiosa no contexto das categorias geográficas, fez-se a exploração dos espaços físicos e simbólicos no centro da cidade de Montes Claros. Além disso, a investigação do contexto histórico do congado na cidade revelou como as festas se consolidaram ao longo do tempo e como as mudanças sociopolíticas e religiosas influenciaram as práticas atuais. Esse entendimento histórico foi fundamental para mapear as dinâmicas territoriais e para identificar como as festividades moldam e são moldadas no espaço urbano.

Com o objetivo de compreender melhor a dinâmica espacial das festividades, foi elaborado um mapa de localização da cidade de Montes Claros e um mapeamento detalhado do cortejo. Essa análise permitiu identificar os espaços de maior concentração de público, os pontos de interesse e as transformações no uso do espaço durante o evento. Entenda-se que a análise da territorialidade envolvida proporcionou uma compreensão mais clara das interações entre os eventos festivos e o espaço urbano, além de destacar como as práticas culturais se distribuem e se expressam através dos territórios da cidade.

Dessa forma, este estudo é uma contribuição para o reconhecimento da existência dessa memória cultural afetiva, reforçando o sagrado e reafirmando a identidade regional para sua população e seus visitantes. A fé dos congadeiros, caracterizada por seus mitos, rituais, dogmas e cerimônias, tem sido alvo de pesquisa de vários pesquisadores. A questão tem atraído a atenção de antropólogos, historiadores, sociólogos e teólogos, que buscam entender como esses componentes fundamentam as perspectivas de mundo e as atitudes dos congadeiros durante a manifestação. Esta



rica tradição religiosa, com suas origens africanas e mistura com o catolicismo, tem um papel crucial na formação da identidade e preservação cultural.

Ainda convém lembrar, da importância da religiosidade na manifestação do congado tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores. Oliveira (2012), destaca o papel do corpo como um canal para a expressão da religiosidade. Outros autores, como Ferreira (2021), Malveira (2011), Mendes (2004), Lucas (2002), Brandão (1974, 1976, 1985) e Martins (1988, 1997, 2003), contribuem para um amplo panorama de pesquisas sobre o tema, analisando diferentes aspectos da relação entre religiosidade, cultura e identidade nos grupos de congado.

Nesse sentido vê-se a importância da análise e discussão sobre essa manifestação religiosa que emociona e atrai os olhares de tantas pessoas que por ela passa.

Território e Territorialidade Religiosa

A religião, na perspectiva da Geografia Cultural, possui como foco os conceitos de sagrado e profano, conceitos tornados fundamentais com Eliade (1992) e considerados numa abordagem geográfica por Tuan (1979) e Rosendahl (1996, 1997, 1999, 2001). Torna-se importante interpretar o fenômeno religioso e suas interações com o homem e o território a partir de dois focos de análise: o sagrado e o profano. Parte-se da revelação que o território é dividido em territórios do cosmo, que estão profundamente comprometidos com o domínio do sagrado e como tal, marcados por signos e significados, e em territórios do caos, que designam uma realidade não divina. O primeiro qualifica-se como território sagrado enquanto o segundo representa ausência de consagração, sendo assim um território profano, um território não religioso (Rosendahl, 2005).

Os estudos de Tuan (1979) afirmam que uma ligação emocional é criada e mantida através da edificação do território sagrado. No propósito de mostrar a dimensão do território simbólico remeteremos à noção de território sagrado associado necessariamente a um território definido. O território “[...] é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa” (Rosendahl; Corrêa, 2003, p. 203).



A primeira definição que se pode dar ao sagrado é sua contraposição ao profano, no entanto, um se manifesta no outro e ambos não vivem isolados.

Focaliza-os a partir de um tipo particular de hierocracia – o poder do sagrado – que se manifesta espacialmente por uma organização territorial. Ao reconhecer a instituição religiosa como agente modelar do espaço, torna-se necessário considerar a forma e a intensidade do poder desse agente (Rosendahl, 2013, p. 174).

Eliade (1992) propõe o termo “hierofania” para designar a manifestação do sagrado. Tanto o sagrado quanto o profano são duas formas de viver no mundo e ambos são assumidos pelos homens como situações existenciais. Em seus estudos sobre religião, Rosendahl (1996) cita que as interdependências e as relações funcionais entre o espaço sagrado e o profano, que se realizam em tempos também sagrados, permitem caracterizar o espaço profano e sugerir uma classificação em relação ao seu maior ou menor vínculo com o sagrado.

Quanto a Rosendahl, esta reforça, a partir de um tipo particular de hierocracia⁴, o poder do sagrado, que se manifesta espacialmente por uma organização territorial. Haesbaert (2006, p. 39 à 42) destaca que:

O território pode ser definido em termos políticos, ou político-jurídicos e históricos, referentes à ação do Estado; em termos econômicos, associado à apropriação econômica dos espaços, derivada da divisão territorial do trabalho e da luta de classes; e em termos culturais, identificado com relações simbólicas – individuais ou coletivas – com o espaço.

A territorialidade urbana é uma construção social em constante evolução, que ultrapassa as delimitações espaciais tradicionais e se manifesta nas relações de poder e nas práticas cotidianas dos indivíduos e grupos sociais. As interações entre diferentes atores sociais – como moradores, comerciantes, governos e movimentos sociais – moldam as territorialidades urbanas, que se expressam em uma diversidade de formas, desde a ocupação do espaço público até a produção cultural e as disputas por recursos. A coexistência de territorialidades em um mesmo espaço gera uma dinâmica complexa,

⁴ A hierocracia é a união da hierarquia religiosa com governantes que buscam legitimação, autenticando o poder real e declarando o soberano como encarnação de um Deus (Weber, 1978, p. 363).



marcada por processos e transformação contínua. O Centro da cidade, nesse sentido, é um palco onde as relações de poder se materializam e se reconfiguram, revelando a dinâmica social e cultural que a caracteriza. De acordo com Corrêa (1995, p. 7-8):

O espaço urbano, se difere em diversos usos da terra, bem como, os tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

Corrêa (1995), define o núcleo central de um espaço urbano como uma área descrita por um uso intensivo do solo, sendo uma região de maior concentração de atividades econômicas, principalmente no setor terciário, como comércio e serviços. A terra nesta região é extremamente valorizada, o que justifica a intensa ocupação e verticalização, com edifícios altos e próximos, facilitando interações interpessoais relacionadas aos negócios. Horizontalmente, o núcleo é limitado e pode ser facilmente percorrido a pé. Sua expansão se dá, principalmente, pela substituição de construções antigas por prédios mais altos. Durante o dia, a movimentação por trabalhadores e pedestres, enquanto à noite fica praticamente deserta, já que não se trata de uma área predominantemente residencial. Entretanto, o núcleo central é o principal ponto de convergência do tráfego urbano, funcionalmente como um importante foco de transporte e baldeação.

Apesar da intensa atividade cotidiana, as expressões religiosas, por meio de festividades e celebrações, reconfiguraram temporariamente o uso desse núcleo, modificando seu perfil funcional, especialmente em dados e eventos específicos. As ruas, que normalmente servem à circulação de pedestres e negócios, passam a ser espaços de devoção, encontros e celebrações comunitárias, demonstrando como a religiosidade é capaz de moldar e ressignificam a organização urbana.

Esse entendimento histórico é essencial para mapear as dinâmicas territoriais, pois revela como o núcleo central não é apenas um espaço econômico, mas também simbólico. As festividades religiosas se apropriam desse ambiente, reorganizando fluxos



e práticas cotidianas, estabelecendo um diálogo entre o sagrado e o profano no coração da cidade. Assim, o espaço urbano revela uma sobreposição de territorialidades, moldado por essas práticas culturais, ao mesmo tempo em que as manifestações religiosas são moldadas pelas características físicas e sociais desse núcleo, criando uma reciprocidade entre a estrutura urbana e os significados culturais e religiosos.

É no território que as identidades são construídas e reconstruídas, dessa forma, se compreende que tal conexão – identidade e território – não pode ser separada (Rosendahl, 2013).

Por esse motivo, Haesbaert (2004), ao discutir o conceito de territorialidade, afirma que esse conceito tem uma vinculação muito forte com as “[...] questões de ordem simbólico-cultural”, o que tem se tornado um pré-requisito fundamental quando se investiga a dimensão espacial de um fenômeno religioso. Nesse contexto, a territorialidade se exprime através da “[...] criação de territórios pela Igreja”, a partir da qual se dá o relacionamento do “simbólico com o espaço” (Rosendahl, 1996).

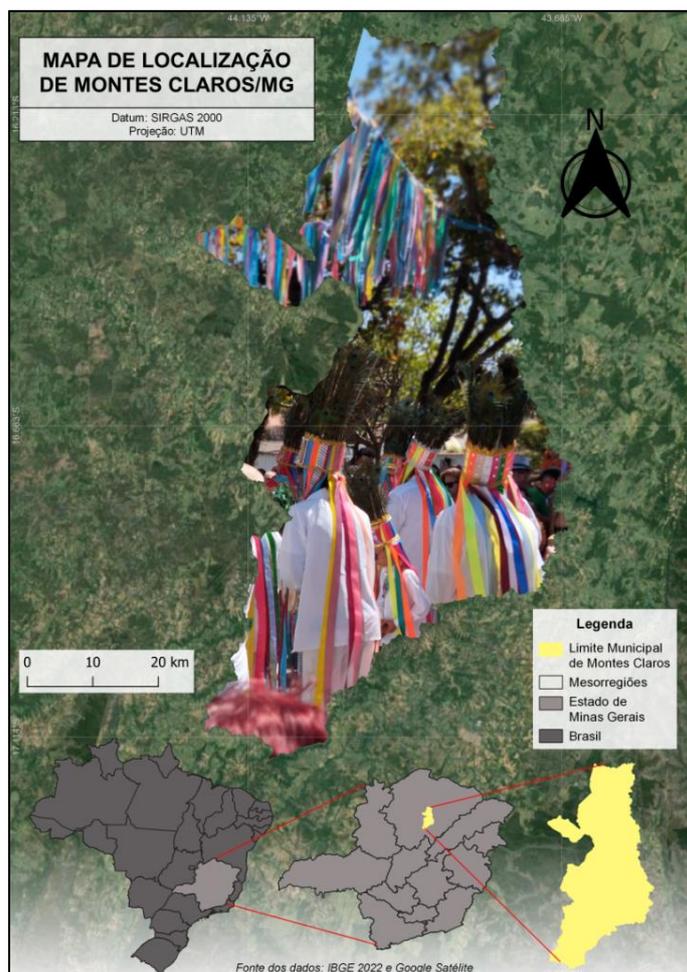
Além do mais, a existência de uma cultura estabelecida fortalece o território que é criado, exprimindo-se a relação simbólica entre cultura e espaço urbano.

Mês de agosto, a territorialidade dos Catopês

Historicamente, em um contexto religioso e cultural, as manifestações do sagrado já diferenciam o congado de Montes Claros-MG (figura 1). Segundo Brito (2014), diferentemente da congada de outros municípios mineiros, a congada de Montes Claros desenvolveu-se no âmbito do catolicismo popular, mesmo com suas representatividades interligadas na ancestralidade africana.



Figura 1 - Mapa de Localização de Montes Claros – MG



Elaboração: Autores, 2023.

As Festas de Agosto em Montes Claros configuram um espaço de profunda expressão cultural, onde se entrelaçam elementos do folclore local, revelando a identidade do norte de Minas Gerais. Nesse contexto, a celebração religiosa convive harmoniosamente com manifestações populares, demarcando a fronteira entre o sagrado e o profano.

Seguindo a perspectiva de Rosendahl (2005), a procissão transforma as ruas de Montes Claros em um território sagrado temporário, contrastando com o cotidiano profano e reafirmando a identidade religiosa da comunidade durante as Festas de Agosto. Esta inclui todos os cortejos e ternos de catopês (figura 2), caboclinhos (figura 3) e marujos (figura 4); - além de levantamentos de mastros, missas e bênçãos com os



estandartes. A festa atrai centenas de devotos todos os anos, destacando o símbolo da identidade religiosa e regional do evento.

Figura 2 – Segundo Grupo de Catopês de Nossa Senhora do Rosário⁵



Fonte da fotografia: a autora, 2023.

⁵ Segundo Grupo de catopês de Nossa Senhora do Rosário, chefiada pelo Mestre Yuri Faria Cardoso, neto do saudoso Mestre João Faria. Em 2018, após a morte do saudoso Mestre João Farias — seu avô que por décadas esteve à frente do segundo terno de catopês de Nossa Senhora do Rosário - assumiu o terno como Mestre aos 19 anos de idade, o mestre mais novo, e desde então vem lutando para manter a tradição para o presente e futura geração.

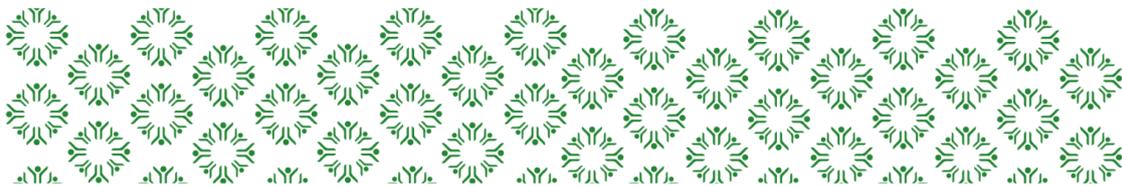


Figura 3 – Primeiro Terno de Caboclinhos do Divino Espírito Santo⁶



Fonte da fotografia: a autora, 2023.

⁶ Há somente um grupo, este liderado pela única mulher atualmente em posição de coordenação. Maria do Socorro, conhecida como “Caciconca Socorro”; na foto Contramestre Dudu.



Figura 4 – Primeira Marujada do Divino Espírito Santo⁷



Fonte da fotografia: a autora, 2023.

Além do mais, a atuação da cultura durante esse evento também se faz presente nas músicas profanas, barraquinhas de venda de roupas, calçados, artesanato, bebidas e pratos típicos da região, como arroz com pequi com carne de sol (figura 5). Esse aspecto, por sua vez, denota o caráter profano da festa, fato que pode ser comprovado na ideia de Rosendahl (1996), quando ela afirma que “[...] é o sagrado que delimita e possibilita o profano”, coexistindo os dois ao mesmo tempo.

⁷ Iderian Sebastião Neto, filho do saudoso Mestre José Calixto da Cruz, da Primeira Marujada de Montes Claros, devotos do Divino Espírito Santo chefiada pelo seu pai. Tradição ancestral passada de pai para filho. Após o falecimento do seu pai, a tradição passou para a próxima geração. Hoje, a primeira marujada é chefiada pelo Mestre Iderian, mais conhecido como Mestre Guga.



Figura 5 – Barracas que vendem comidas típicas



Fonte da fotografia: a autora, 2023.

Uma das grandes transformações causadas pelo festejo é a mudança da territorialidade ordinária da cidade de Montes Claros, em que o “costumeiro”, caracterizado pelo transtorno caótico do tráfego de veículos e com grande circulação de pedestres, dá território a uma nova dinâmica, interrompendo o fluxo intenso do Centro (figuras 6, 7 e 8), com o fechamento das ruas, ou até mesmo desviando a rota automobilística, para ceder seu espaço à presença marcante dos cortejos, juntamente com os catopês, marujadas e caboclinhos.

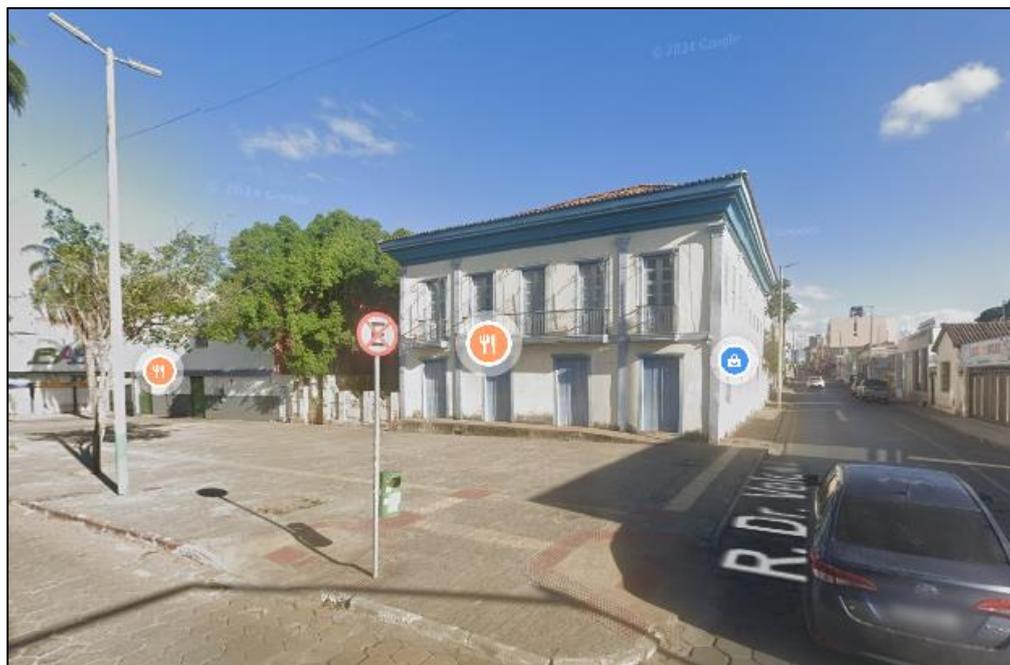


Figura 6 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José - antes da Festa de Agosto



Fonte da fotografia: *Google Maps*, Abril 2024.

Figura 7 - Casarão Solar dos Sertões - antes da Festa de Agosto



Fonte da fotografia: *Google Maps*, Abril 2024.

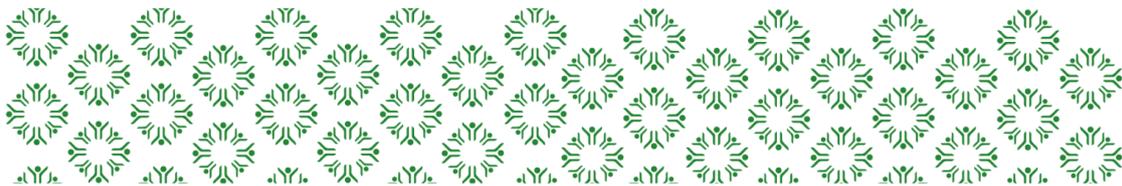
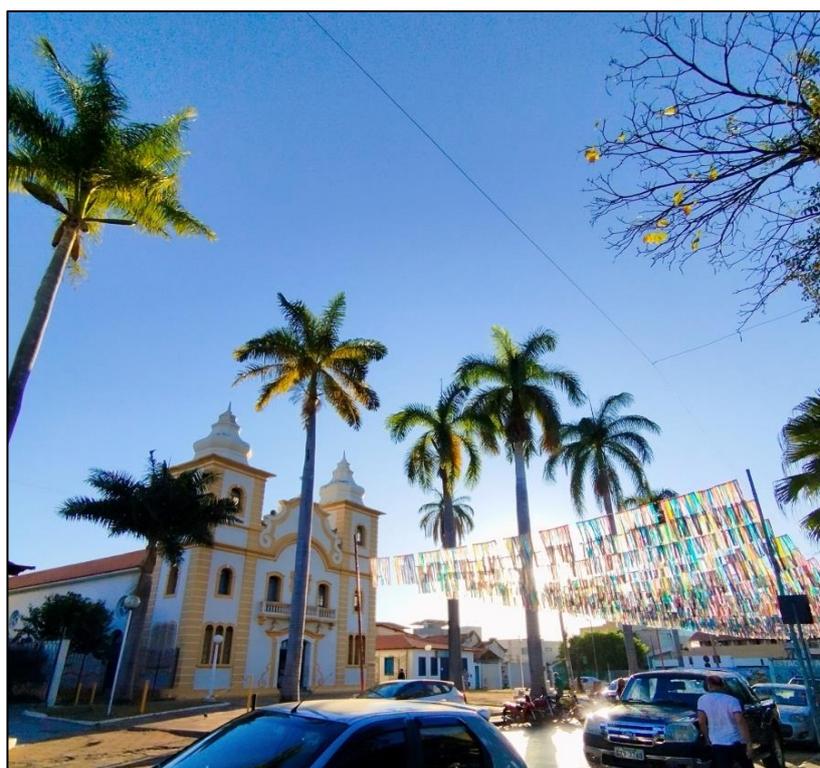


Figura 8 – Corredor Cultural antes da Festa de Agosto



Fonte da fotografia: *Google Maps, Abril 2024*

Figura 9 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José



Fonte da fotografia: *a autora, 2023.*

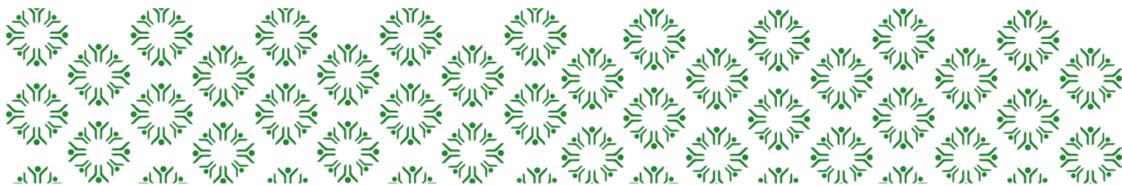


Figura 10 – Casarão Solar dos Sertões



Fonte da fotografia: a autora, 2023.

Figura 11 – Corredor Cultural



Fonte da fotografia: a autora, 2023.



Durante todo o mês de agosto, o mês das cores (figuras 9, 10 e 11) tem suas referências nas vestimentas, nas fitas e na alegria da imagem dos catopês, marujada e caboclinhos, constituindo, assim, os principais símbolos físicos da festa, despertando os sentidos da população, servindo como sinal: há um festejo já a se chegar! É tempo de catoppear⁸.

A representatividade da festa é bem clara na canção da Outra Banda da Lua, banda montes-clarense que serviu para elevar ainda mais as Festas de Agosto:

[...]
Marujada, caboclinhos, catopês
Levantam mastros com
louvores, cantorias
É mês de cores na avenida
Fitas e fitas no céu de agosto
Parecem pipas soltas ao ar
Fitas e fitas no céu de agosto
Vibram, me convidam a dançar [...]" (Mês [...], 2015).

Fica evidente que o festejo e sua realização religiosa gera um impacto maior sobre aquele recorte do espaço urbano, provocando uma mudança no local, para revitalizar a religiosidade popular por detrás do costume tradicional. Contudo, essa provocação gerada por inversão de valores, o uso profano, atualmente, se sobressai sobre o sagrado, este que foi essencial no enriquecimento desses territórios.

Nessa perspectiva, toda a territorialidade onde se encontra a maior concentração do comércio e de serviços na cidade. O centro de Montes Claros, é marcado pelo grande fluxo de pessoas e pelo caráter de alta movimentação, nesse espaço acontece uma das grandes transformações causadas pelo festejo, diante de todo contexto "costumeiro", várias ruas são fechadas ou se reorienta o fluxo de carros, permitindo-se somente o cortejo com os reinados, ternos de catopês, marujos e caboclinhos, uma grande expressão da cultura popular.

O maior fluxo desse festejo acontece no final de semana, cujas mudanças físicas no dinamismo do centro são mais contingentes. O Automóvel Clube (figura 10) torna-se

⁸ Trata-se de uma expressão sobre o desejo expresso de participar da festa, onde tem a presença do catopê.



um grande palco de concentração, recebendo aqueles que participarão do cortejo, todos os ternos, devotos e visitantes, para desfrutarem do grande espetáculo do cortejo. Durante o trajeto do cortejo, pelas ruas do centro até a igrejinha de Nossa Senhora do Rosário, existe uma organização nas rotas, causando algumas alterações na circulação viária do início ao fim.

O percurso tem uma distância de 750 metros e dura aproximadamente 1 hora e 30 minutos (figura 12). Durante o cortejo, há danças sincronizadas, movimentos corporais expressivos e comunicação, além de cantos, cores vibrantes e andores. Os sons dos instrumentos, especialmente os tambores da seção percussiva, conferem a esse momento uma forma única de momentos especiais de convivência social e cultural.

Figura 12 – Mapa do Trajeto do Cortejo



Fonte: Google Satélite/IBGE 2020-2023.



Durante a festividade, as estruturas se fixam nas vias e só são retiradas após o fim do evento. Já em relação à programação religiosa, as mudanças físicas na dinâmica do centro são mais transitórias, pois as ruas são fechadas para os cortejos somente no momento da passagem dos ternos, não sendo obstruções que perduram por todo o dia durante as festas. É notória a mudança do itinerário da população que espera o seu ônibus no ponto de parada. A mesma calçada da igreja dos catopês torna-se um território sagrado. Para Eliade (1992), a pureza do templo não é atingida pela desordem e corrupção terrestre, pois é uma obra dos deuses e encontra-se perto deles.

Contudo, ao contrário do que muitos acreditam, essa mudança é ocasionada pelos catopês, marujada e caboclinhos, que demonstram a sua fé e devoção. Em razão disso, acontece nos dias 16, 17 e 18 de agosto respectivamente, o mastro de Nossa Senhora do Rosário, o mastro de São Benedito e o mastro do Império do Divino Espírito Santo, sendo o momento mais esperado pelos ternos e devotos, o ápice do festejo: o hasteamento do mastro na Praça Portugal - pracinha da Igreja Nossa Senhora do Rosário, que é simbolizado pela bandeira do Santo.

Segundo Mestre Zanza Junior (2023), a elevação do mastro representa um momento de disputa simbólica por um território sagrado. Pequenos conflitos podem surgir nesse instante, refletindo a importância desse marco para a identidade e o poder dos grupos envolvidos. Ele cita uma passagem bíblica: “Tudo que ligares na terra será ligado no céu” (Mateus, 2016, 18:18). É indiscutível que, a territorialidade profana se transforma no sagrado. O território sacralizado é um dos aspectos que condicionam e legitimam a realização e a perpetuação das práticas ancestrais e manutenção da religiosidade popular através da festa, sem os quais elas perderiam seu sentido (Souza; Laurentiz, 2022).

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, exploramos o rico mosaico cultural que é a celebração das Festas de Agosto em Montes Claros – MG, evidenciando como essas festividades enraizadas na tradição e na história moldam e são moldadas pela territorialidade



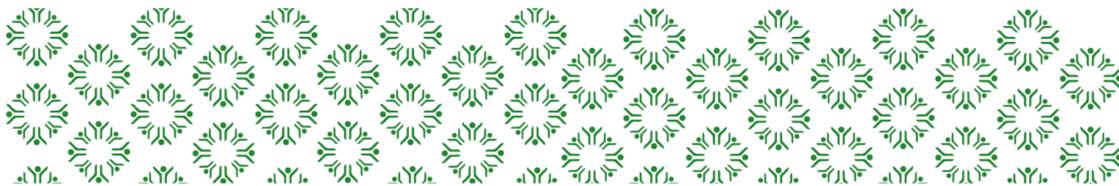
religiosa e profana da festa dos catopês, desafiando o cotidiano tradicional deste território agitado. Contudo, a relação entre o espaço e a mediante da interpretação desse festejo eleva o catolicismo e a cultura popular, que transforma imediatamente o espaço urbano da Matriz, como um ponto de identidade da festividade na cidade montes-clarense.

As Festas de Agosto são um dos pilares da identidade de Montes Claros, construída ao longo do tempo através da interação entre o povo, o território e a cultura. Essa manifestação anual revitaliza as tradições locais, criando um ambiente sagrado e profano, onde o tangível e o intangível se encontram. A presença do festejo na cidade reflete nas ruas e demais territórios da cidade uma alegria constante através das cores das fitas expostas no céu aberto e através das manifestações culturais, como do congado.

Quando se dispõe um olhar sobre o passado e o presente das festas e da própria cidade, é notória a construção longa e árdua de valores relacionados às manifestações da congada na cidade. Portanto, a festa que vemos hoje é o produto de décadas de adaptações e mudanças em sua organização, com o objetivo de torná-la socialmente aceitável. Desde a sua origem, ela tem sido moldada pelas reações impostas pelo catolicismo, através do sincretismo religioso, e pelas formas de vestir dos ternos, em resposta aos preconceitos e estereótipos historicamente atribuídos aos negros.

As atividades culturais envolvidas nas celebrações foram adaptadas para permitir a participação de novos grupos sociais. Além disso, a compreensão cultural e religiosa, e a dinâmica entre os espaços que se comunicam entre si acabam fortalecendo ainda mais o território urbano. No mês de agosto, as manifestações têm um impacto notável no centro da cidade, especialmente na rota comercial. Isso ocorre porque qualquer pretexto altera a rotina normal da população para acomodar a celebração. Isso afeta vários aspectos, como o trânsito, o movimento de pessoas na área central, o horário de funcionamento das lojas, a paisagem urbana, entre outros elementos.

Reconhecemos que as Festas de Agosto são um fenômeno complexo que não pode ser totalmente compreendido sem considerar o contexto geográfico e cultural em que



ocorrem. Elas são um exemplo vívido de como a cultura e o território estão intrinsecamente ligados, cada um influenciando e moldando o outro.

Portanto, as Festas de Agosto em Montes Claros são um testemunho do poder do território e da territorialidade na formação de nossas identidades culturais. Elas nos lembram que, embora possamos viver em um mundo cada vez mais globalizado, as tradições locais e a conexão com o território ainda desempenham um papel crucial na definição de quem somos.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974. 208 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Congos, congadas e reinados: rituais de negros católicos. *Cultura*, Brasília, DF, n. 23, p. 80-93, 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulista, 1985.

BRITO, Ângela Ernestina Cardoso de. *Catopês: histórias de lutas e formação de identidades em Montes Claros-MG*. 2014. Tese (Doutorado em Política Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

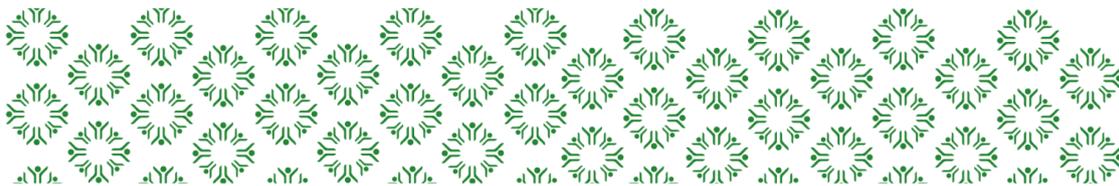
CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Marcos Manoel. Congadas: manifestações culturais e os autos de fé um breve olhar sobre as tradições populares pelo Brasil. *Moitará*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 111-132, jul. 2021.

GOOGLE, INC. *Google Maps*. Disponível em:
https://www.google.com/maps/dir/Pra%C3%A7a+da+Matriz+-+Pra%C3%A7a+Doutor+Chaves+-+Centro,+Montes+Claros+-+MG/-16.720208,-43.8657679/@-16.7203665,-43.8665823,347m/data=!3m1!1e3!4m9!4m8!1m5!1m1!1s0xab55be12fea8b9:0x56b8d6aaa297b67a!2m2!1d-43.8654199!2d-16.7203842!1m0!3e0?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI0MTAyNy4wIKXMDSoASAFQAw%3D Acesso em: setembro de 2010.

GOOGLE. *Google Earth*. website. <http://earth.google.com/>, 2023.



IBGE. *Malha municipal digital 2021*. Rio de Janeiro, 2021c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: out. 2023.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LUCAS, Glaura. *Os sons do rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. *Os catopês de São Benedito em Montes Claros: rastros de uma ancestralidade mineira negra e festiva*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo e da memória: os congados. *O Percevejo*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/624132164/LEDA-MARTINS-Performances-do-tempo-e-da-memria-Os-congados-LEDA-MARTINS-1>. Acesso em:

MARTINS, Sauer. *Congado, família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MATEUS. Novo testamento. In: *BÍBLIA SAGRADA*. Tradução de Missionários do Imaculado Coração de Maria (Missionários Clarentianos). 215. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2016.

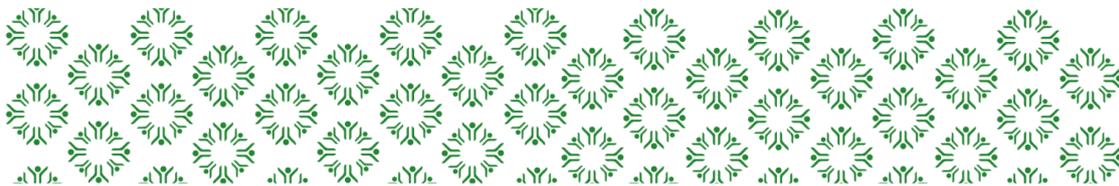
MENDES, Jean Joubert Freitas. *Música e religiosidade na caracterização identitária do terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros – MG*. 2004. 230 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

MÊS de cores na avenida. Compositores: Edson Edssada e Karla Celene Campos. Banda: A Outra Banda da Lua. Montes Claros: [n.d.], 2015. CD (4min 29s).

OLIVEIRA, Rosângela. Diversidade cultural religiosa no congado mineiro: o corpo como mensageiro do sagrado. *Anais dos Simpósios da ABHR*, São Luís, v. 13, p. 1-13, nov. 2012.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 9-39.



ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-154.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Editora da EdUERJ, 2005. p. 1- 226

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia cultural: uma antologia*, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 296-344.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). *A territorialidade da igreja católica no Brasil: 1800 e 1930*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. (Textos NEPEC, 1).

SOUZA, Luís Fellipe Dia; LAURENTIZ, Luiz Carlos de. *A cidade como espaço de festa: uma leitura sobre as festas de agosto e o festival folclórico de Montes Claros (MG)*. Ponto Urbe, São Paulo, v. 30, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11924>.

TUAN, Yi-Fu. Sacred space: exploration of an Idea. In: BUTZER, K. *Dimension of human geography*. Chicago: The University of Chicago, 1979. p. 615-632.

WEBER, Max. *Economy and society: an outline of interpretive sociology*. Berkeley: University of California Press, 1978. v. 2.

ZANZA JÚNIOR, Júnior Pimenta Santos. *Os catopês, território e cultura*. [Entrevista concedida a Sabrina da Silva Gonçalves]. Montes Claros: [n.d.], 8 ago. 2023.

Recebido em: 26/08/2024

Aceito em: 10/10/2024